

# MST faz campanha para Lula nos acampamentos

*Movimento inicia campanha agressiva a partir de março para tentar alinhar militantes*

LUIZ AUGUSTO FALCÃO

TEODORO SAMPAIO – A direção nacional do Movimento dos Sem-Terra (MST) prepara uma ofensiva em seus acampamentos para pregar a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à Presidência da República. A iniciativa foi aprovada no último encontro da entidade, em Vitória. A partir do fim de março, a defesa da reforma agrária deixará de ser o principal tema nas assembleias do MST. “Vamos concentrar todas as forças na campanha de Lula e de outros candidatos petistas”, anuncia Diolinda Alves, líder do movimento em Teodoro Sampaio, no extremo oeste de São Paulo.

Lula já teria a preferência nos acampamentos mesmo sem a oficialização de seu nome como candidato único da entidade. Complicado será estender esse apoio aos petistas que concorrem a vagas no Congresso e mesmo aos governos estaduais. Afinal, no Pontal do Paranapanema, terra de Diolinda, o comportamento eleitoral do MST nem sempre seguiu a cartilha da esquerda. “Os sem-terra conseguiram, na região, participar de uma versão localizada da aliança que elegeu o presidente Fernando Henrique Cardoso em 1994”, observa, sem ironia, um dirigente do PT paulista.

Nas eleições municipais de 1996, o MST apoiou candidaturas de partidos que, à primeira vista, não se enquadravam em seu figurino considerado radical. Em Teodoro Sampaio, por exemplo, o movimento promoveu um desfile de tratores no centro da cidade em apoio à candidatura de Paulo Pires (PFL), o Paulão, que terminou não sendo eleito. Em outros municípios do Pontal – onde nenhum petista conseguiu eleger-se prefeito – os sem-terra tiveram mais sucesso ao apostar em concorrentes pefelistas e tucanos.

**Ideologia** – “A reforma agrária não é uma questão ideológica”, argumenta José Rainha, marido de Diolinda, principal líder do MST no Pontal. “Vou votar no Lula, mas não vejo contradição em manter um bom relacionamento, no nível municipal, com políticos de outros partidos.” Cada vez mais pragmático, Rainha também não poupa elogios ao governador Mário Covas (PSDB). “Ele avançou muito nos assentamentos e peitou os fazendeiros da região”, diz. “Só falta ter mais projetos para incentivar a produção.”

O governador investe numa área que abriga 19 municípios – muitos ligados ao MST – e mantém ali 106 técnicos agrícolas. Numa foto pregada na porta da prefeitura pefelista de Mirante do Paranapanema, Rainha aparece ao lado de Covas como um involuntário cabo eleitoral. Ambos sorriem e o líder ex-sem-terra tem motivos para estar alegre. Recebeu do Estado o título de propriedade de 14 hectares, na Fazenda Santa Clara (hoje assentamento Che Guevara), onde planta mais de dez variedades de culturas, cria gado e porcos e planeja comprar capivaras.

Em termos eleitorais, os acampamentos e assentamentos do Pontal não são uma causa perdida para Covas se ele resolver disputar a reeleição. Entre as bases do MST há quase uma unanimidade em torno do nome de Lula para a Presidência. A escolha do novo morador do Palácio dos Bandeirantes pode ser outro assunto. “O quadro da sucessão paulista ainda não está claro”, despista um dirigente do movimento.

Para a escolha de deputados não existem acordos selados. Na fazendas ocupadas, enquanto a cúpula do MST já faz campanha para reeleger o deputado federal Luiz Eduardo Greenhalgh (PT-SP) com uma votação maciça, aparecem novos nomes. No acampamento Antônio Conselheiro, a 15 quilômetros de Teodoro Sampaio, o sem-terra Diogo Reis, há 42 anos na região, não esconde que teria outro candidato para a Câmara. Votaria no pefelista Paulo Pires, dono de dois postos de gasolina. “Apoio quem eu quiser”, afirma.

**Reduto** – O coordenador do acampamento, José Viana, confirma o prestígio de Lula entre as 700 famílias que esperam seus lotes de terra em barracas de plástico preto. Ele



José Rainha: “A reforma agrária não é uma questão ideológica”

conta, porém, que nem todos os sem-terra do lugar votaram em dois dos candidatos a prefeito apoiados pelo MST – Mauro Bragato (PSDB), em Presidente Prudente, e João Ta-

deu Saab (PFL), em Mirante do Paranapanema. “Cada um segue sua cabeça”, acrescenta.

Para os eleitores dos acampamentos Antônio Conselheiro e Chico Mendes e do assentamento Che Guevara – todos no Pontal –, os pefelistas e tucanos tiveram mais votos em 1996 porque investiram com mais força nos redutos dos sem-terra. As li-

deranças, em alguns casos, apenas seguiram a opção de seus liderados. “A vanguarda pode apoiar o PT, mas a base é difusa”, observa Bragato. “Quem imaginar que o MST é uma massa compacta de esquerda,

está errado”.

No Pontal, mesmo os mais entusiasmados com o MST costumam concordar com todas as decisões dos líderes. “Sei que fora do movimento eu não iria a lugar nenhum”, conta Neide Aparecida Mariano, dona de um lote em União da Vitória, perto de Mirante. “Só não acho correta a indicação de um único candidato a presidente.”

Para Egídio Bruneto, dirigente nacional do MST, a opção por Lula em 1998 será seguida pelos militantes do movimento. Mas, a exemplo do Pontal, a escolha dos candidatos a deputado dependerá das realidades locais e também da preferência individual dos eleitores. “O melhor é que esses políticos tenham algum tipo de ligação com a causa da reforma agrária”, ressalta.

Em todo o País existem 52.276 famílias em 281 acampamentos do MST. Outras organizações, menos expressivas, também começam a levantar suas barracas. “Não é um eleitorado para ser desprezado”, diz um pré-candidato do Pontal.



**EM 94,**  
**ALIANÇA NA**  
**REGIÃO AJUDOU**  
**A ELEGER FHC**